

Clube empresta mas questiona condições

Paris — O Clube de Paris deliberou durante todo o dia de ontem na capital francesa para tentar harmonizar as posições dos países credores frente ao pedido brasileiro de reescalonar 2,3 bilhões de dólares em empréstimos, cujo pagamento deve ser feito em 1983 e 1984.

O Clube de Paris, associação de países credores, ouviu ontem pela manhã uma exposição do ministro da Fazenda, Ernane Galvães, sobre a situação econômica do Brasil e sobre o plano de estabilização de seu Governo.

Durante o resto do dia, os membros do Clube de Paris debateram o pedido brasileiro e solicitaram esclarecimentos e explicações aos membros da delegação do Brasil.

O Brasil — país mais endividado do mundo — pediu ao Clube de Paris que o reembolso de 90 por cento dos 2,3 bilhões de dólares em empréstimos garantidos pelos governos e pagáveis em 1983 e 1984 seja reescalonado em nove anos, quatro dos quais seriam de carência.

O pagamento dos 10 por cento restantes deveria, segundo o pedido brasileiro, dispor de um reescalonamento de cinco anos, três dos quais de carência.

Contudo, segundo comentários em círculos ligados à reunião não é totalmente garantido que o Brasil obterá as condições que solicitou.

Haveria uma tendência entre

certos representantes do Clube de Paris favorável a um reescalonamento máximo de oito anos, mas ignoram-se maiores detalhes e ninguém podia dar uma informação segura ontem.

O acesso às fontes de informação foi dificultado e os jornalistas nem mesmo foram admitidos nas salas próximas àquela onde se realizava a reunião, no Palácio de Conferências de Paris, próximo ao Arco do Triunfo.

Fontes europeias confidenciaram que estas medidas de estrito sigilo foram adotadas a pedido da delegação brasileira.

Por outro lado, apesar de esta ser a última etapa da negociação, não se sabia ontem qual a cifra exata da dívida em discussão. Explicou-se que os 2,3 bilhões de dólares são aproximados por razões técnicas de contabilização dos empréstimos. A respeito, comentou-se que a Alemanha Ocidental não estava de acordo com os brasileiros quanto à dívida garantida em discussão, afirmando que faltavam cerca de 100 milhões de dólares.

Também segundo informações extra-oficiais, a Inglaterra — que manifestou antecipadamente certa relutância em continuar ajudando o Brasil — manteria nesta reunião do Clube de Paris sua posição inicial, de aceitar apenas participar do reescalonamento dos pagamentos do ano em curso, de acordo com versões procedentes de Londres recebi-

das ontem em Paris.

O ministro Galvães afirmou aos jornalistas que esperava que a delegação britânica não criasse problemas nesta negociação.

Contudo, informações de Londres confirmaram ontem que o governo britânico se nega a contribuir com o crédito suplementar de 2,5 bilhões de dólares que os governos ocidentais foram convidados a subscrever no âmbito do "pacote" de créditos organizado pelo Fundo Monetário Internacional.

Além destes 2,5 bilhões de dólares em novos créditos e o reescalonamento negociado no Clube de Paris, faria parte do "pacote" de créditos um empréstimo-jumbo de 6,5 bilhões de dólares concedido por bancos comerciais, mas esta quantia não teria sido totalizada.

No total, o pacote deveria elevar-se a 11 bilhões de dólares aproximadamente.

Ontem, ao término do primeiro dia de conversações do Clube de Paris, os participantes se negaram a dar qualquer informação.

Um deles, referindo-se às discussões de ontem para harmonizar as posições dos credores frente ao pedido brasileiro, disse que a discussão está pendente e não podia prever seu desfecho, pois não tem "uma bola de cristal".

Se seguir o procedimento normal previsto, a reunião do Clube de Paris deverá terminar hoje, com uma declaração do Ministro brasileiro.